

Saussure e a língua como objeto de formalização da ciência linguística

Saussure and language as an object of formalization of linguistic science.

Jomson Teixeira da Silva Valoz
Universidade de Pernambuco, Brasil.

Resumo

Neste artigo, por meio de um percurso teórico-epistemológico, discutimos a formalização da língua como objeto da Linguística e a síntese epistemológica realizada por Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1916). Investigamos em que medida se pode afirmar que o autor promove uma ruptura com a gramática comparada ao instituir o famoso corte epistemológico que fundamenta a Linguística como ciência autônoma. Concluímos que é a partir da teorização dos "erros" identificados por Saussure no método comparativo que ele opera esse corte, o qual simultaneamente, conforme defendemos, dá continuidade, mas também supera a tradição anterior. Desse modo, pode ser reconhecido como o fundador da Linguística enquanto ciência, ao delimitar seu objeto específico e estabelecer o método sincrônico de descrição e análise das línguas sem, contudo, romper radicalmente com a gramática comparada.

Jomson Teixeira da Silva Valoz
Doutor em Linguística.
Grupo de Pesquisa Ferdinand
de Saussure (CNPq).
<https://orcid.org/0000-0001-5768-8289>.
jomson.silva@upe.br.

Submetido em: 17/06/2025
Aceito em: 21/02/2026
Publicado: 31/03/2025

e-Location: 19904



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Palavras-chave: *Saussure; Gramática Comparada; Epistemologia; Língua; Ciência linguística.*

Abstract

In this article, through a theoretical-epistemological approach, we discuss the formalization of language as an object of Linguistics and the epistemological synthesis carried out by Saussure in the Course in General Linguistics (1916). We investigate to what extent it can be said that the author promotes a break with comparative grammar by instituting the famous epistemological break that grounds Linguistics as an autonomous science. We conclude that it is from the theorization of the "errors" identified by Saussure in the comparative method that he operates this break, which simultaneously, as we argue, continues but also surpasses the previous tradition. In this way, he can be recognized as the founder of Linguistics as a science, by delimiting its specific object and establishing the synchronic method

of description and analysis of languages without, however, radically breaking with comparative grammar.

Keywords: *Saussure; Comparative Grammar; Epistemology; Language; Linguistic Science.*

INTRODUÇÃO

A ciência não é totalmente «transparente», nem mesmo para os que a fazem. O que torna científico um conhecimento? O que caracteriza a abordagem da realidade feita pela ciência? Como entender o progresso em ciência? Todas estas e outras questões são obscuras para os próprios cientistas e legitimam um outro nível de análise, que é o da epistemologia (Janeira, 1972, p. 629).

A citação que nos serve de epígrafe remete-nos a uma problemática central nos estudos linguísticos: a constituição da Linguística como ciência. Trata-se de uma questão complexa, uma vez que, diferentemente do que ocorre em outras áreas do conhecimento, o objeto da Linguística não se apresenta como uma realidade previamente delimitada ou imediatamente observável. Ao contrário, ele precisa ser teoricamente construído. Nesse sentido, pode-se afirmar que o objeto da Linguística não é transparente, “nem mesmo para os que a fazem”, o que evidencia o papel decisivo da reflexão epistemológica na definição de seus fundamentos, de seus métodos e de seus limites disciplinares.

Dessa forma, discutir a cientificidade da Linguística implica, necessariamente, enfrentar uma dupla problemática. Por um lado, exige-se uma reflexão epistemológica sobre a constituição de seu objeto, a língua, já que a afirmação de que a Linguística é o estudo científico da linguagem pouco esclarece, por si só, o seu estatuto científico. Torna-se indispensável, portanto, explicitar que concepção de ciência sustenta a investigação linguística e sob quais princípios teórico-metodológicos ela se organiza. Por outro lado, essa discussão conduz à própria natureza do objeto língua, isto é, às condições teóricas que permitem defini-lo, delimitá-lo e descrevê-lo como objeto de conhecimento científico.

Saussure parece realizar de modo decisivo essa tarefa ao definir a língua simultaneamente como uma instituição social e como um sistema semiológico. Ao fazê-lo, desloca seu estudo do campo das ciências naturais e delimita o domínio próprio da Linguística, distinguindo-o de outras áreas do conhecimento que também

se ocupam da linguagem, como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, por exemplo. Com essa operação teórica, estabelece-se não apenas uma redefinição do objeto, mas também a especificidade do ponto de vista a partir do qual a língua passa a ser investigada cientificamente.

Contudo, se Saussure desempenha, no início do século XX, o papel decisivo de instituir a Linguística como ciência dotada de objeto e método próprios, impõe-se uma indagação incontornável, a saber, mais de um século após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, por que ainda se mostra necessário problematizar epistemologicamente a língua enquanto objeto da Linguística? A persistência dessa questão sugere que a delimitação do objeto não se esgota no gesto fundador saussuriano, mas permanece atravessada por reformulações teóricas, deslocamentos metodológicos e disputas conceituais que continuam a tensionar o estatuto científico da disciplina. Além disso, essa indagação é interessante por dois aspectos:

O primeiro aspecto refere-se ao fato de que muitos estudiosos da área ainda se veem, em alguma medida, diante da necessidade de reafirmar o caráter científico desse campo de conhecimento. É o que muito perspicazmente destaca Lyons em sua obra “Lingua(gem) e linguística: uma introdução” ao dizer que

A linguística é normalmente definida como a ciência da linguagem, ou alternadamente, como o estudo científico da linguagem. O próprio fato de que há uma seção neste livro e em outras introduções à linguística, explicitamente dedicada à discussão do status científico desta disciplina não deve deixar de ser comentado. Afinal, disciplinas cujo status científico é inquestionável – a física, a química, a biologia etc. – não têm necessidade de justificar sua reivindicação de se chamar ciência. Por que deveria a linguística preocupar-se tanto em defender a validade de seu título? E, por que, ao defender suas credenciais científicas, o linguista tantas vezes dá a impressão de protestar em demasia? (Lyons, 1987, p. 45).

Como se depreende das palavras do linguista britânico, observa-se uma recorrente necessidade de afirmação do estatuto científico da área, frequentemente acompanhada da explicitação de seu objeto e de seu método como estratégia de legitimação disciplinar. Tal movimento está longe de ser trivial: ele revela tensões constitutivas do próprio campo e incide diretamente sobre a identidade e a prática de seus estudiosos. Importa notar, ademais, que essa inquietação não é recente; já se

fazia presente em Saussure e configurava uma de suas preocupações centrais, como se demonstrará adiante.

O segundo aspecto concerne à atribuição de Saussure como fundador da Linguística moderna, em virtude do corte epistemológico que realiza ao eleger a *langue* como objeto específico dessa ciência. Tal gesto teórico não apenas redefine o campo de investigação, mas também estabelece as bases para sua autonomia disciplinar, ao delimitar com precisão aquilo que deve ser tomado como objeto de descrição e análise.

Nesse horizonte de discussão, a atribuição a Saussure do papel de fundador da Linguística moderna costuma vir acompanhada da interpretação de que seu gesto teórico teria representado uma ruptura radical com a gramática comparada. Tal leitura, entretanto, sugere que os estudos linguísticos anteriores à sistematização saussuriana, divulgada pelo *Curso de Linguística Geral*, não configurariam um empreendimento científico estruturado sobre os fenômenos da linguagem, posição da qual nos distanciamos. Em consonância com Milner (2012), Faria (2018) e Valoz (2025), defendemos que Saussure deve ser compreendido não como alguém que rompe integralmente com essa tradição, mas como um continuador da linguística praticada pela gramática comparada, ainda que a reelabore em novos termos teóricos e epistemológicos.

Nessa perspectiva, este artigo propõe discutir a formalização da língua como objeto da Linguística e a síntese epistemológica operada por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Ao longo do percurso argumentativo, interrogamos em que medida se pode sustentar que o autor efetivamente promove uma ruptura radical com a gramática comparada ao instituir o denominado “corte epistemológico” que fundamentaria a ciência linguística. Para tanto, desenvolvemos uma reflexão acerca do que entendemos por *corte* ou *ruptura epistemológica* no internamente a relação entre a síntese saussuriana e a gramática comparada. Além disso, ainda que de modo tangencial, examinamos a relação entre a constituição do objeto e o fazer do linguista, considerando que a eleição da língua como objeto específico da Linguística desobriga o estudioso de restringir sua atuação ao comparatismo, ampliando o escopo de sua intervenção teórico-metodológica.

Nesse percurso teórico-epistemológico, a seção seguinte é dedicada à discussão do conceito de língua em Saussure e de seu papel na constituição da Linguística como ciência. Na terceira seção, examinamos a relação entre a teorização saussuriana e a gramática comparada, com o objetivo de problematizar a leitura que interpreta o chamado corte epistemológico como uma ruptura radical com essa tradição de estudos linguísticos. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

A ELEIÇÃO DO OBJETO LÍNGUA E A DEFINIÇÃO DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

A história e a gênese do Curso de Linguística Geral (1916), atribuído a Saussure, já foram amplamente relatadas por comentadores da fortuna saussuriana, e não é objetivo desta seção retomá-las. Interessa-nos, antes, discutir a eleição da língua como objeto da Linguística e as implicações epistemológicas desse gesto teórico, especialmente no que se refere à gramática comparada. A partir dessa reflexão, buscamos encaminhar a argumentação de modo a explicitar em que sentido sustentamos que o chamado corte epistemológico saussuriano não configura uma ruptura radical com o movimento comparatista.

Consolidou-se, no interior dos estudos linguísticos, a ideia de que Saussure, em oposição aos comparatistas, inaugura uma ciência autônoma e independente: a Linguística moderna. Essa interpretação apoia-se, sobretudo, no reconhecimento daquilo que passaria a ser definido como o objeto próprio e específico dessa ciência. É nesse sentido que afirma Flores (2023):

No CLG, a definição de língua como objeto da linguística é apresentada, de um lado, em função da necessidade metodológica de mostrar aos linguistas o que devem fazer; de outro lado, em função da necessidade epistemológica de refletir sobre esse objeto, no âmbito da linguística (Flores, 2023, p. 82, primeiro itálico do autor, os outros são nossos).

Convém destacar, a partir das palavras do autor, que em Saussure não se observa apenas uma preocupação de ordem metodológica, mas sobretudo uma exigência epistemológica no que diz respeito à reflexão sobre o objeto da Linguística.

É precisamente essa problematização que permite compreender como a gramática comparada pôde consolidar-se como método de investigação, ainda que seus praticantes não tivessem formulado explicitamente as bases teóricas do objeto que mobilizavam.

Referimo-nos diretamente à gramática comparada porque é em relação a esse movimento que Saussure aponta, em diferentes momentos, certos equívocos quanto ao modo como se concebida o próprio “fazer linguístico”. Autores como Vitral (2010) sustentam que, no contexto da alternância de paradigmas científicos, Saussure se coloca em oposição direta à linguística histórica do século XIX. Entretanto, é preciso lembrar que o interesse pelo estudo da linguagem não se inaugura com a gramática comparada, tampouco com o próprio Saussure, inscrevendo-se em uma tradição reflexiva muito anterior a ambos.

No texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, Benveniste (2005) assinala que a tradição linguística ocidental tem suas raízes na filosofia grega, razão pela qual se orientava por interesses eminentemente filosóficos. Nesse contexto, não havia uma preocupação com a descrição do funcionamento da língua, mas com questões como a naturalidade ou a convencionalidade da linguagem. Como observa o autor, nesse período a “língua permaneceu objeto de especulação, não de observação” (Benveniste, 2005, p. 20, grifo nosso).

Posteriormente, segundo Benveniste, a descoberta das relações de parentesco entre as línguas impulsionada, sobretudo, pelo contato com o sânscrito inaugura uma nova etapa nos estudos da linguagem. As línguas então identificadas como aparentadas passam a ser denominadas indo-europeias, e consolida-se o método comparativo como procedimento sistemático de investigação. Nesse cenário, a gramática comparada afirma-se como um campo de pesquisa dotado de métodos considerados objetivos e rigorosos, desempenhando papel central no desenvolvimento dos estudos linguísticos ao longo do século XIX. Entretanto,

[N]o meio desses sucessos, algumas cabeças inquietavam-se: qual a natureza do fato linguístico? Qual é a realidade da língua? É verdade que não consiste senão na mudança? Mas como, embora mudando, permanece a mesma? Como então funciona e qual é a relação dos sons com o sentido? A linguística histórica não dava nenhuma resposta a essas questões, pois jamais havia precisado propô-las (Benveniste, 2005, p. 20, grifos nossos).

Os excertos por nós destacados na citação de Benveniste permitem entrever a situação que inquieta Saussure. Tendo participado do movimento comparatista, o autor passa a problematizar o fato de a gramática comparada não ter desenvolvido uma reflexão epistemológica sobre as condições que sustentavam o êxito de seu próprio método. Nesse contexto, Saussure questiona por que a investigação linguística parecia restringir-se à comparação de formas escritas de diferentes línguas e por que o ofício do linguista se definia, quase exclusivamente, por essa prática.

Como registra o próprio Saussure no *Escritos de Linguística Geral* (2004 [2002]), “acabou-se, não se sabe bem por que, por fazer do linguista um comparador” (p. 150). Em seguida, ele amplia a problematização ao afirmar: “entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?” (Saussure, 2004 [2002], p. 150). Esses questionamentos evidenciam o deslocamento reflexivo que conduz à necessidade de redefinir tanto o objeto quanto o alcance teórico da Linguística.

Saussure, nesse movimento, desloca o linguista da posição de mero comparador e redefine o alcance de sua atividade científica. Tal redefinição torna-se possível precisamente porque o autor se dedica a uma tarefa que a gramática comparada não havia sido levada a formular explicitamente: a reflexão epistemológica sobre a natureza do objeto que tornava possível a própria existência do método comparativo — a língua. Ao delimitar esse objeto em termos teóricos, Saussure não apenas amplia o horizonte do fazer linguístico, mas também fornece as bases para sua reorganização como prática científica.

Pensar epistemologicamente o conceito de língua constitui uma preocupação constante em Saussure. De modo mais amplo, observa-se no autor uma atenção sistemática à precisão terminológica dos conceitos que deveriam compor o discurso científico da Linguística. Essa inquietação torna-se evidente, por exemplo, na carta enviada a Meillet em 1894, posteriormente divulgada por Benveniste nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (1964):

Mas estou bastante desgostoso com tudo isso, e com a dificuldade que em geral ocorre quando se escreve somente dez linhas, tendo o senso comum como matéria dos fatos da linguagem [...] Sem cessar, esta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e

mostrar para isso *que espécie de objeto é a língua em geral*... (Benveniste, 1964, p. 95, grifo nosso)².

No trecho mencionado, evidencia-se o desconforto de Saussure diante da terminologia linguística corrente em sua época, sobretudo no que se refere à definição de língua em sentido geral — isto é, de um conceito capaz de abarcar não apenas formas linguísticas isoladas, mas a língua enquanto objeto dotado de sistema e de funcionamento próprios, subjacentes a toda manifestação linguística. Nesse sentido, “Saussure quer [...] ultrapassar a comparação conjuntural das línguas particulares, como fazem os especialistas da gramática comparada na sua época, para estudar a estrutura geral da língua” (Paveau & Sarfati, 2006, p. 65, grifo nosso).

Embora já existisse um estudo produtivo e relativamente sistematizado da comparação de formas linguísticas, Saussure demonstra preocupação com a ausência, nessa prática, de distinções conceituais e fenomênicas consideradas fundamentais para a constituição de um discurso científico mais rigoroso. Nesse sentido, Normand (2009) observa que os linguistas comparatistas frequentemente tomavam “língua” e “linguagem” como termos equivalentes, como se ambos designassem o mesmo objeto. Segundo a autora, não havia uma preocupação explícita em diferenciar tais noções, de modo que, ao se falar em linguagem, permanecia indefinido se o termo se referia a uma língua particular, ao conjunto das línguas ou à faculdade humana da linguagem.

É, portanto, a partir dessa exigência de delimitação conceitual que Saussure elabora uma argumentação destinada a constituir um conjunto sistemático de definições, organizadas por oposição e contraste, entre “língua”, “linguagem” e “fala”, conforme se observa no capítulo III da Introdução do Curso de Linguística Geral, intitulado “Objeto da Linguística”.

Nesse capítulo, o autor inaugura a discussão com a pergunta: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” (Saussure, 2003

¹ No original: “Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage [...] Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général...”

² Estamos utilizando a tradução de Vitral (2010, p. 55-56).

[1916], p. 15). A resposta conduz à afirmação de que é a língua (entendida como a linguagem menos a fala) que deve ser tomada como objeto próprio da ciência linguística. Somente ao circunscrever-se ao domínio da língua seria possível constituir um objeto autônomo, não confundido com a totalidade heterogênea da linguagem.

Desse modo, a língua é concebida como a norma subjacente às manifestações linguísticas e, por essa razão, como o objeto específico da Linguística, pois apenas ela “se apresenta como suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório” (Saussure, 2003 [1916], p. 17).

A linguagem, por sua vez, é definida pelo genebrino como uma faculdade humana, ou seja, a capacidade de desenvolver uma língua particular e outras formas de manifestação simbólica. A língua não se confunde com a linguagem, mas constitui apenas uma de suas dimensões e deve ocupar, segundo o próprio Saussure, “o primeiro lugar no estudo da linguagem” (Saussure, 2003 [1916], p. 18).

Importa destacar que, na definição saussuriana de língua, a noção de sincronia se faz implicitamente presente. Trata-se de um deslocamento decisivo em relação à gramática comparada: enquanto o comparatismo privilegiava a análise diacrônica de formas linguísticas isoladas comparando elementos de línguas distintas em diferentes momentos históricos, Saussure propõe que o objeto da Linguística não sejam termos isolados, mas o funcionamento de um sistema, apreendido em sua organização interna. Tal sistema só pode ser descrito adequadamente a partir de um ponto de vista sincrônico.

É preciso considerar, contudo, que sincronia e diacronia não correspondem a objetos distintos, mas a perspectivas analíticas sobre um mesmo fenômeno: a língua. Sob o enfoque sincrônico, a língua é examinada como um sistema de signos em funcionamento, no qual cada unidade se define pelas relações que estabelece com as demais. Nessa perspectiva, o que está em jogo é o valor sistêmico dos signos em um determinado momento histórico, isto é, sua existência como unidades concretas no interior da organização e do funcionamento da língua.

A perspectiva diacrônica, por sua vez, volta-se para a língua em seu movimento histórico, investigando as transformações que se produzem ao longo do tempo e estabelecendo relações entre diferentes estados linguísticos. Trata-se,

portanto, do estudo da língua em sua evolução. Como observa Bouissac (2012, p. 179), “não se pode negar que tanto o estado de uma língua em um dado momento quanto as transformações que nela ocorrem no passado pertencem, de alguma forma, a essa língua”.

Desse modo, é a própria complexidade do fenômeno linguístico que justifica a distinção metodológica entre essas duas perspectivas de análise. Essa reorganização teórica contribui para deslocar o foco da Linguística anteriormente orientado sobretudo pela identificação de regularidades históricas para a formulação de princípios explicativos ancorados nas noções de sistema e de valor, tornando central a diferenciação entre o estudo sincrônico e o diacrônico da língua. A esse respeito, Silveira assevera que

A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre esse funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. O CLG, certamente, imprimiu uma importância a língua como objeto da linguística (Silveira, 2007, p. 20).

Saussure define a língua como “um sistema de signos no qual, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” (Saussure, 2003 [1916], p. 23). À luz da leitura de Milner (2003), pode-se afirmar que, no capítulo III da Introdução do Curso de Linguística Geral, encontram-se duas teses decisivas do autor: a tese negativa, segundo a qual a linguagem não constitui o objeto da Linguística, isto é, a Linguística não é a ciência da linguagem, e a tese positiva, que estabelece a língua como seu objeto próprio.

Milner (2003) sustenta ainda que essa escolha se fundamenta no critério da consistência e da repetibilidade dos fenômenos, aspecto em que a língua se distingue da fala. Enquanto a língua apresenta uma materialidade psíquica e social, partilhada coletivamente, a fala corresponde a “um ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2003 [1916], p. 22). Como sintetiza Milner, “a língua permite construir um domínio homogêneo de entidades repetíveis” (Milner, 2003, p. 26, tradução nossa), razão pela qual deve constituir o foco da investigação linguística.

Evidencia-se, assim, que a definição e a delimitação do objeto ocupam lugar central na reflexão saussuriana. Para o autor, sem essa operação teórica não seria possível distinguir a Linguística das demais ciências de seu tempo. A ausência de

uma problematização explícita do objeto fazia com que o método comparativo, embora dotado de rigor, permanecesse vinculado a pressupostos científicos característicos do século XIX.

Resta, então, interrogar: quais eram, de fato, os pressupostos da gramática comparada que levaram Saussure a qualificá-la como portadora de “um conjunto de conceitos errôneos” (Saussure, 2003 [1916], p. 10)? Em que consiste, propriamente, o corte epistemológico por ele operado? É a essas questões que nos voltamos na adiante.

SAUSSURE E A GRAMÁTICA COMPARADA: QUE CONTINUAÇÃO?

Conforme afirmamos na Introdução, assumimos, em consonância com Milner, Faria (2018) e Valoz (2024), que Saussure pode ser compreendido como continuador da gramática comparada. A esse respeito, Milner (2012) observa que

[...] o ideal da ciência - que, no Cours, enuncia-se na linguagem dos fundamentos-: trata-se de fundar a linguística como ciência. Essa intenção confessa não deixou de desencadear certos mal-entendidos e, particularmente entre os modernos, uma aproximação indevida com Freud. As coisas, entretanto, deveriam ficar claras: Freud é um iniciador - ao fundar, ele faz com que passe a existir uma configuração que, antes dele, era inédita. *Não acontece o mesmo em Saussure: a seu ver, a linguística existe - é a gramática comparada-, o problema é que ela ignora aquilo que a possibilita. Não se trata de iniciar, mas de autorizar em direito [...]* E as respostas que Saussure dá são, também elas, desse estilo: para que a linguística seja possível enquanto ciência é preciso, dirá ele, distinguir os fenômenos das coisas em si, (Milner, 2012, p. 50-51, grifo nosso).

Em consonância com essas considerações, esta seção propõe uma discussão voltada a problematizar a noção de “ruptura” frequentemente associada ao trabalho de Saussure em relação à gramática comparada. Nosso objetivo é sustentar o argumento de que não há uma ruptura radical, mas antes a continuidade de uma ciência cuja base havia sido estabelecida pelo comparatismo.

Milner (2012) oferece respaldo a essa leitura ao afirmar que “a linguística que se trata de fundar é a gramática comparada, aliás, a única disciplina que Saussure praticou” (p. 51). Se assim é, cabe perguntar em que sentido se difundiu e se

consolidou a ideia de que Saussure teria rompido com a gramática comparada ao instituir o corte epistemológico que fundaria uma nova ciência linguística.

Em nossa interpretação, o gesto saussuriano consiste em tornar explícito aquilo que, segundo Milner, permanecia implícito ou ignorado pelo método comparatista: a necessidade de uma reflexão epistemológica sobre o objeto da prática linguística, distinguindo o objeto teórico dos fenômenos empíricos. Esse movimento se concretiza quando Saussure propõe um conjunto de definições para a ciência linguística a partir da noção geral de língua como sistema de signos dotado de estrutura imanente, independente de suas manifestações particulares, e constituído por valores puros, negativos e diferenciais. Nesse sentido, Benveniste enfatiza:

Como podemos dizer de um dado linguístico, tomado em dois momentos da evolução, que é o mesmo dado? Em que reside essa identidade, e já que é proposta pelo linguista entre dois objetos, como a definiremos? *É preciso um corpo de definições.* (2005, p. 36-37, grifo nosso).

Sustentamos que Saussure elabora esse “corpo de definições” ao deslocar o foco da simples comparação de formas linguísticas isoladas para a teorização da estrutura geral da língua, concebida como sistema subjacente a toda produção linguística. Tal deslocamento, contudo, não implica abandono da gramática comparada. Como observa Bouquet (2000 [1997], p. 88), o que Saussure esboça é, “antes de mais nada, uma epistemologia da gramática comparada”. O próprio genebrino inclui entre as tarefas da Linguística “[F]azer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família” (Saussure, 2003 [1916], p. 13, grifo nosso).

Desse modo, não se verifica a exclusão da prática comparativa, mas sua reinscrição em outro plano teórico. A comparação permanece como procedimento legítimo, porém deixa de constituir o fundamento exclusivo da disciplina para tornar-se uma de suas operações, agora subordinada a uma reflexão mais ampla sobre o objeto língua. O método comparativo passa, assim, a integrar o fazer do linguista sob uma nova ordem epistemológica, que lhe confere sustentação conceitual e legitimação científica.

Em consonância com Milner (2012), Bouquet (2000 [1997]) sintetiza a posição saussuriana ao afirmar que, embora a gramática comparada tenha produzido resultados incontestáveis e mesmo teses gerais plausíveis, ela teria permanecido alheia às condições teóricas que tornavam tais resultados possíveis (p. 90). Essa “ignorância” diz respeito, portanto, à ausência de uma reflexão epistemológica sobre o próprio objeto da prática comparatista.

Bouquet (2000 [1997]) argumenta ainda que a crítica fundamental de Saussure à gramática comparada consiste em mostrar que, apesar do mérito de haver instituído um novo objeto científico, esse objeto não havia sido devidamente classificado nem pelos linguistas nem pelos filósofos. Para Bouquet (2000 [1997]),

De fato, sua contribuição [de Saussure] decisiva nesse domínio, nessas duas dimensões do pensamento, vem da antecipação do ponto de vista que adotou depois, de maneira explícita, a filosofia das ciências, a saber, um ponto de vista que segundo a definição do genebrino, é dotado “do grau de abstração que é necessário para se dominar o que se faz” e pretende avaliar “a legitimidade e a razão de ser do que se faz” (Bouquet, 2000 [1997], p. 91).

Esse nível de abstração mostrava-se necessário para que se pudesse, de fato, refletir epistemologicamente sobre a definição do objeto que tornava possível a prática do método comparativo. Por essa razão, a determinação da natureza do objeto da Linguística assume caráter central na reflexão saussuriana. Tal preocupação se evidencia na leitura de seus textos, especialmente nas críticas dirigidas à linguística de seu tempo. Assim, lemos no *Escritos de linguística geral*:

Em qualquer domínio, antes que seja possível estudar um *fenômeno*, é preciso saber sobre que objetos, ou entre que objetos, se produz o fenômeno. Como a língua é o palco de fenômenos relevantes, isso pareceu bastar para o estudo e *pouco se perguntou quais eram os termos, ou mesmo a natureza dos termos, que dão lugar ao fenômeno*. O ardor pelo interesse do movimento *a-b* só se iguala à ausência de reflexão sobre o que é, primeiramente, *a* ou *b*, mesmo sobre a possibilidade imediata de definir *a* ou *b* (Saussure, 2004 [2002], p. 241, itálicos do autor, grifo nosso).

Percebe-se, assim, a insistência de Saussure em evidenciar a ausência de uma reflexão teórica e epistemológica mais explícita no interior da tradição comparatista. Ainda assim, o autor reconhece o caráter inovador do método desenvolvido por essa escola, chegando a afirmar que Bopp “cria” uma “ciência” a partir da descoberta do

sânscrito. O genebrino menciona, inclusive, os “linguistas eminentes” que deram continuidade a essa perspectiva, como Jacob Grimm, Max Müller e August Schleicher.

Entretanto, esse reconhecimento não impede a formulação de críticas à “nova ciência” inaugurada por Bopp. A mais contundente delas dirige-se à concepção de língua defendida por Schleicher (1873), que a entendia como um organismo biológico, comparando o desenvolvimento das línguas ao crescimento dos vegetais, em consonância com o pensamento darwinista. Nas palavras de Saussure,

Considerava-se a língua como uma esfera à parte, um quarto reino da natureza; daí certos modos de raciocinar que teriam causado espanto em outra ciência. Hoje não se podem mais ler oito ou dez linhas dessa época sem se ficar surpreendido pelas excentricidades do pensamento e dos termos empregados para justificá-las (Saussure, 2003 [1916], p. 10-11).

Esse conceito de língua, como organismo natural submetido a leis de desenvolvimento semelhantes às das espécies biológicas, encontra-se profundamente marcado pelos paradigmas científicos dominantes no século XIX, sobretudo o evolucionismo darwinista e o modelo explicativo das leis da Física newtoniana. Como observa Ilari (2009), “toda revolução científica, toda orientação teórica motivadora parte de um pequeno número de metáforas que produzem um novo modo de encarar os fatos a serem explicados” (p. 57).

No caso da linguística histórica oitocentista, a metáfora estruturante foi a da evolução das espécies, segundo a qual as línguas passariam pelos mesmos estágios dos organismos da natureza como nascimento, desenvolvimento e, eventualmente, morte. Saussure se posiciona contra essa naturalização do fenômeno linguístico, propondo concebê-lo não como organismo biológico, mas como instituição social, como um sistema de signos inserido no conjunto mais amplo dos sistemas semiológicos, ao lado da escrita, do alfabeto dos surdos-mudos e dos ritos simbólicos, sendo a língua o mais importante deles. Nesse deslocamento conceitual reside um afastamento decisivo em relação às abordagens anteriores.

A hipótese neogramática, embora procure superar certas limitações da primeira gramática comparada, permanece ainda vinculada à metáfora evolucionista. Ao buscar demonstrar a regularidade das mudanças sonoras por meio de “leis fonéticas”, aplica à linguística o ideal de cientificidade inspirado nas ciências naturais, especialmente na física newtoniana. Assim, a mudança linguística passa a ser

concebida como fenômeno regido por leis gerais, necessárias e invariáveis, cuja comprovação se daria pelo método comparativo-histórico.

É justamente nesse ponto que a intervenção saussuriana adquire relevo: ao deslocar o foco das leis naturais da evolução para a estrutura interna do sistema, ele redefine o estatuto do objeto linguístico e, conseqüentemente, o próprio modelo de cientificidade da linguística.

Seu mérito [dos neogramáticos] consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada (Saussure, 2003 [1916], p. 12).

Segundo Corrêa (2011), embora não desconsiderassem as contribuições da tradição comparatista, os neogramáticos passaram a sustentar que mais relevante do que a reconstrução de protolínguas seria a investigação dos fenômenos responsáveis pelas mudanças linguísticas. Esses fenômenos teriam como locus o próprio sujeito falante, uma vez que, como afirma Saussure, “a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam” (Saussure, 2003 [1916], p. 12).

Nesse contexto, os neogramáticos voltam-se para o estudo da língua em funcionamento, privilegiando a observação do uso efetivo da língua falada, em contraste com a centralidade anteriormente atribuída aos registros escritos pelos gramáticos comparatistas. Tal orientação dialoga com o modo de produção científica dominante no período, influenciado pelo paradigma positivista, que valorizava a generalização e a síntese dos resultados, como destaca Normand (2009).

Sob essa perspectiva, a noção de “universalidade” das leis da física é transposta para o estudo das línguas, conduzindo à formulação da hipótese das leis fonéticas regulares. A mudança linguística passa, então, a ser explicada por leis sonoras concebidas como sistemáticas e previsíveis, enquanto as aparentes exceções são interpretadas como efeitos de processos analógicos. Esse modo de compreender a mudança linguística contribui para consolidar a linguística do século XIX como um

empreendimento científico orientado pela busca de regularidades e princípios explicativos gerais³.

Dessa forma, partimos da hipótese de que a relação entre Saussure e a gramática comparada deve ser compreendida menos como ruptura e mais como um movimento de continuação crítica que implica superação teórico-metodológica. Para sustentar essa posição, é necessário explicitar o sentido em que empregamos o conceito de ruptura no campo epistemológico.

Janeira (1972) observa que o termo *ruptura* pode ser mobilizado em diferentes domínios do conhecimento, frequentemente associado a ideias como superação, mutação, descontinuidade, revolução e corte. Entre essas possibilidades semânticas, interessa-nos especialmente a distinção entre superação, revolução e corte. No que se refere à noção de superação, a autora argumenta que, embora toda ruptura implique algum tipo de superação, o inverso não se verifica necessariamente. Superar não significa eliminar completamente o que é superado, mas incorporá-lo sob novas condições teóricas: “superar contém, leve que seja, uma conotação de permanência do que se ultrapassa: superar é não só mas também conter” (Janeira, 1972, p. 630).

Já a ideia de revolução designa um estado subsequente a uma ruptura, caracterizado por um “salto em qualidade” (Janeira, 1972, p. 630), enquanto o conceito de corte remete a uma cisão que pode ou não ser total. Apenas quando essa cisão é completa poder-se-ia falar propriamente em ruptura. Nesse sentido, Janeira propõe uma distinção conceitual precisa: a ruptura epistemológica corresponderia ao surgimento de uma nova ciência, ao passo que o corte epistemológico designaria transformações decisivas ocorridas no interior de um mesmo campo científico (Janeira, 1972, p. 631). A ruptura, portanto, caracteriza-se como um “fenômeno de separação brusca” que instaura uma oposição estrutural entre dois momentos do conhecimento científico (Janeira, 1972, p. 631).

³ Estamos considerando que se os neogramáticos adotam a concepção de lei da física, esse movimento coloca a linguística no ramo das ciências naturais. A ideia básica é de que a natureza é regida por leis e que, por isso, tudo que faz parte do mundo físico por ser explicado “por meio de um modelo casual e realista” (Vital, 2010, p. 57), de modo que todo fenômeno tem uma causa que o precede e o explica, ou seja, conhecendo-se a causa, conhece-se o efeito. Essa ideia é deslocada para a explicação da mudança e da evolução linguística pelos neogramáticos.

Assim, a diferença entre corte e ruptura reside no grau de globalidade da transformação produzida. Ambos os conceitos pressupõem a emergência de uma inovação científica e a atuação de um agente inovador que assume uma posição de negação que pode ser total ou parcial em relação ao saber anterior. É precisamente nessa distinção que se fundamenta nossa leitura de Saussure: sua reflexão não instaura uma ruptura epistemológica com a gramática comparada, mas promove um corte teórico que reorganiza seus pressupostos, redefinindo o objeto da linguística e conferindo nova consistência epistemológica a um campo já constituído.

Bachelard (2000) sustenta que o avanço do conhecimento científico não ocorre de maneira linear e acumulativa, mas por meio de discontinuidades. São os cortes epistemológicos que tornam possível a reorganização do saber, implicando uma ruptura com concepções anteriores que passam a ser vistas como obstáculos ao progresso científico.

Essa ruptura não significa simples abandono do passado, mas um processo crítico de retificação: o novo saber redefine problemas, reformula conceitos e elimina questões que já não se sustentam no interior de uma nova estrutura racional. É nesse sentido que o corte epistemológico permite a uma ciência delimitar com precisão seu objeto de estudo, estabelecendo suas próprias condições de validade e seus critérios de cientificidade.

Assim, para Bachelard, a constituição de um campo científico exige a superação de obstáculos epistemológicos e a construção de um novo enquadramento teórico, capaz de conferir coerência e autonomia ao objeto investigado. Segundo ele,

[É] característico do discurso científico apagar as suas origens; ele se apresenta muitas vezes como o da objetividade, fazendo rapidamente esquecer que um ponto de vista foi selecionado de início. *Assim, para construir uma 'ciência das cidades', é preciso encontrar uma definição do que é cidade; isto só será possível após se ter escolhido um ponto de vista preciso para descrever as cidades* (Bachelard, 2000, p. 16, grifo nosso).

É interessante notar, a partir das considerações do autor, o destaque conferido ao fato de que todo conhecimento se organiza a partir de um ponto de vista previamente selecionado. Não há objeto científico dado em si; há sempre uma construção teórica que o delimita e o torna inteligível.

Transpondo essa reflexão para a relação entre Saussure e a gramática comparada, especialmente no que diz respeito à delimitação do objeto da linguística, aspecto amplamente ressaltado pelos comentadores do *CLG*, percebe-se que a ênfase na definição da língua como objeto específico da ciência linguística acabou por atribuir a Saussure uma espécie de “paternidade” absoluta da disciplina. Tal leitura sugere, por vezes, que não haveria propriamente ciência linguística antes da síntese operada na obra póstuma, como se o campo tivesse surgido ex nihilo a partir de sua intervenção teórica.

Contudo, essa interpretação tende a obscurecer o fato de que já havia, no século XIX, um corpo metodológico consistente, uma tradição de investigação consolidada e resultados científicos efetivos produzidos pela gramática comparada e pelos neogramáticos. O gesto saussuriano, nesse contexto, não consiste em criar a linguística do nada, mas em redefinir seus fundamentos, explicitando o ponto de vista que torna possível a constituição do objeto “língua” enquanto sistema.

Assim, mais do que instaurar uma ruptura absoluta, Saussure realiza uma operação de reorganização epistemológica ao explicitar os pressupostos epistemológicos e conferir coerência teórica a uma prática científica já existente. Reconhecer isso é fundamental para evitar tanto a mitificação de Saussure quanto a simplificação da história da linguística.

Contudo, é o próprio Saussure quem afirma que

Scheleicher, enfim, foi o primeiro a tentar codificar os resultados das pesquisas parciais. Seu *Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-Germânicas* (1816) é uma espécie de sistematização da ciência fundada por Bopp (Saussure, 2003 [1916], p. 09, *itálicos do autor*).

E continua

Tal escola, porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria (Saussure, 2003 [1916], p. 10).

Como se observa, Saussure não nega o estatuto científico alcançado pela gramática comparada, nem o valor heurístico do método comparativo para a

descoberta de relações históricas entre as línguas. O que ele problematiza é a centralidade exclusiva atribuída à comparação como procedimento explicativo. Para o linguista genebrino, quando a comparação se torna um fim em si mesma, ela deixa de contribuir para a constituição de um objeto científico propriamente definido, limitando-se a estabelecer correspondências sem oferecer uma reflexão teórica sobre a natureza da língua. É nesse sentido que Saussure afirma que a gramática comparada se apoiava em “um conjunto de conceitos errôneos”, decorrentes da ausência de uma delimitação epistemológica clara do objeto da linguística.

O primeiro desses equívocos residiria, portanto, na crença de que o método comparativo, por si só, seria suficiente para produzir conhecimento científico sobre a linguagem. Para Saussure, a comparação não constitui uma explicação, mas apenas um procedimento analítico que depende de princípios teóricos mais amplos. Sem uma definição precisa do objeto investigado, a comparação permanece descritiva e incapaz de fundamentar uma ciência autônoma da língua.

Ainda assim, ao reconhecer os limites desse método, Saussure não desqualifica integralmente a tradição comparatista. Ao contrário, ele admite que há “certo interesse em reconhecer esses erros”, na medida em que eles revelam o percurso histórico de constituição da linguística e evidenciam as condições teóricas que tornaram necessária uma redefinição do campo. Desse modo, a crítica saussuriana à gramática comparada não assume o caráter de rejeição absoluta, mas de revisão epistemológica, pela qual se torna possível compreender tanto os alcances quanto as limitações do método comparativo na formação da linguística moderna.

Se tomarmos a perspectiva de Bachelard (2000), é possível deslocar a afirmação saussuriana acerca do reconhecimento dos erros da gramática comparada para o campo mais amplo da dinâmica do conhecimento científico. Para o epistemólogo, a ciência avança não pela acumulação linear de verdades, mas pela crítica racional da experiência, que exige sua teorização. O pensamento científico constrói-se por meio da retificação de erros; é justamente ao reconhecer, analisar e teorizar esses erros que um saber se renova e se reorganiza.

Nesse sentido, pode-se sustentar que é a partir da problematização dos equívocos do método comparativo, especialmente sua pretensão de bastar-se a si

mesmo, que Saussure opera um corte epistemológico. Tal corte não implica a negação da gramática comparada, mas sua reelaboração conceitual. Ao explicitar as condições de possibilidade do próprio método, Saussure simultaneamente continua e supera essa tradição, conferindo-lhe um fundamento teórico que antes permanecia implícito. É nesse movimento que ele pode ser compreendido como fundador de uma linguística enquanto ciência formalmente delimitada, ainda que essa ciência já existisse em estado prático.

Bouquet e Engler (2004 [2002]), no prefácio aos *Escritos de linguística geral*, caracterizam o pensamento saussuriano como uma batalha contra a ausência de reflexão epistemológica na linguística, isto é, como um esforço de renovação dos conceitos fundamentais de uma ciência já constituída. Não se trata, portanto, de criar ex nihilo um novo campo, mas de redefinir seus alicerces conceituais.

Como consequência dessa reorganização, os linguistas passam a reconhecer a tarefa que lhes cabe: estudar e descrever, com técnica apropriada, a realidade linguística em seu funcionamento atual, analisando a língua em seus aspectos formais próprios (Benveniste, 2005/1966 [1963], p. 21). A linguística, então, assume explicitamente como objeto a realidade intrínseca da língua e busca constituir-se como ciência formal, rigorosa e sistemática (Benveniste, 2005, p. 21-22).

Assim, o gesto saussuriano pode ser compreendido menos como uma ruptura absoluta e mais como um corte epistemológico produtivo: um movimento de crítica e reconstrução que garante à linguística a consciência de seu objeto e de seus fundamentos teóricos.

CONCLUSÃO

Neste texto, buscamos discutir a formalização da língua como objeto da linguística e a síntese epistemológica estabelecida por Saussure a partir dessa formalização. Procuramos desnaturalizar a leitura segundo a qual, ao eleger a língua como objeto da linguística, Saussure teria criado uma nova ciência por meio de uma ruptura radical com a gramática comparada, tradição que marcou a linguística do século XIX. Defendemos, ao contrário, que Saussure continua a ciência praticada pela gramática comparada ao mesmo tempo em que a supera por meio da

teorização dos “erros” que ele próprio identifica no método comparativo no Curso de Linguística Geral. A noção de superação assumida aqui não implica ruptura, pois, em nossa interpretação, Saussure supera a gramática comparada ao mesmo tempo em que a contém e a reinscreve em um novo horizonte teórico.

Retomando a distinção proposta por Janeira (1972) entre ruptura epistemológica e corte epistemológico, sustentamos que Saussure não opera uma ruptura radical em relação à gramática comparada, já que não inaugura uma ciência inteiramente nova, mas promove, por meio de um corte epistemológico, evoluções decisivas no interior da própria ciência linguística. Isso não significa negar o caráter inovador do pensamento saussuriano; ao contrário, o corte epistemológico pressupõe precisamente a introdução de novos princípios de inteligibilidade em relação ao paradigma anterior. Saussure se configura, assim, como um agente de inovação, mas não de negação absoluta da tradição comparatista.

A inovação fundamental introduzida por Saussure reside no reconhecimento de que a comparação de formas linguísticas, tomada isoladamente, não poderia constituir a linguística como ciência. Tornava-se necessário teorizar epistemologicamente sobre a natureza do objeto que tornava possível o próprio método comparativo. Ao identificar aquilo que considera um conjunto de conceitos errôneos no interior da escola de Bopp, Saussure redefine o objeto da linguística ao conceber a língua como um sistema de signos, social e imanente, cujo funcionamento se manifesta no sujeito falante e que, por isso, deve ser estudado prioritariamente do ponto de vista sincrônico.

Esse deslocamento contribui para afastar a linguística do modelo das ciências naturais fortemente influenciadas pelo evolucionismo darwinista e aproximá-la do campo das ciências humanas e sociais. Se há um ponto em que se pode falar em ruptura mais profunda, ele se localiza nesse reposicionamento epistemológico do objeto da linguística. Ainda assim, tal movimento não surge de forma isolada, podendo ser relacionado, em certa medida, ao próprio movimento neogramático, que já deslocava o foco da comparação de formas escritas para o estudo da língua falada e dos mecanismos da mudança linguística.

À luz de Bachelard (2000), para quem o fazer científico se constrói pela crítica racional da experiência e pela teorização de erros retificados, podemos compreender a síntese saussuriana como resultado desse processo de reelaboração conceitual. É justamente pela teorização dos limites do método comparativo — sobretudo da ausência de reflexão epistemológica sobre o objeto língua — que Saussure opera um corte epistemológico capaz de, simultaneamente, continuar e superar a gramática comparada. Nesse movimento, a linguística adquire maior consciência de seu objeto, de seus métodos e de seus fundamentos teóricos, o que permite reconhecer Saussure como figura central na consolidação da linguística como ciência sistemática.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Tradução de Juvenal Hahne Junior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENVENISTE, É. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 21. Genève: Librairie E. Droz, 1964. p. 91-125.

BENVENISTE, É. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In.: **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

CORRÊA, E. F. de S. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. **Revista Diadorim**, v.8, p. 27–42, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7957>. Acesso em: 4 dez. 2025.

FARIA, N. R. B. Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure. **DELTA** [online]. 2018, vol.34, n.3, p.861-890. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/pCyHBkkSkqDTJzrm9jrHVmH/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FLORES, V. do N. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Contexto, 2023.

ILARI, R. O Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: Mussalin, F.; Bentes, A.C.(Org.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p.53-92. v.3.

JANEIRA, A. L. Ruptura epistemológica, corte epistemológico e ciência. **Análise Social**, Lisboa, sér. 2, 9 (34) Abr.-Jun. 1972, 629-644. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/421496109/1224260984P0tKE6sa0Ch37TP8>. Acesso em: 29 out. 2025.

LYONS. J. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Trad. de Marilda W. Averburg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MILNER, J-C. **O amor da língua**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

MILNERⁱ, J-C. Saussure: Retorno a Saussure. In: **El periplo structural: figures e paradigma**. Amorrortur/Editores, Buenos Aires, 2003.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PAVEAU, M-A.; SARFATI. G-E. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Tradução Antônio Chelini et al. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 2003[1916].

SAUSSURE. F. BOUQUET, Simon.; ENGLER, Rudolf (Orgs. e Eds.). **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHLEICHER, A. **Die darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft**. Weimar: Böhlau, 1873.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

VALOZ, J. T da S. **A ciência linguística entre Saussure e Chomsky**. Recife: EDUPE, 2025.

VITRAL, L. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 53-94, 2010. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rq/article/view/63>. Acesso em: 15 jan. 2026.

ⁱ Agradeço sinceramente aos/às pareceristas pelas leituras atentas, críticas rigorosas e valiosas contribuições oferecidas ao longo do processo de avaliação. As sugestões apresentadas foram fundamentais para o aprimoramento deste artigo. Eventuais falhas ou imprecisões que porventura ainda permaneçam são de minha inteira responsabilidade.